

Resenha do filme “O Substituto”

CONFORTIN, Rogerio de Souza
rogeconfortin@gmail.com

Apenas jogando ideias, pois o filme é de uma amplitude inesgotável. Porque a vida é escandalosa, naquele sentido coincidente do amor e da morte, lembremos...

Filme dramático, belo, poético. Tremendo. Memorável. Há algumas pérolas poéticas em forma verbal. Como, por exemplo, a poesia do parquinho infantil em abandono e ferrugem, onde não há mais crianças brincando, etc. Ou seja, o parquinho da infância morre porque não têm mais sentido seus jogos, sua vida inocente, de pura brincadeira... e porquê? Se sempre há novas crianças por aí? Eis uma espécie de chave filosófica do filme para o tema amplo do sentido da escola, da juventude, do trabalho, da vida...

Nesse filme o argumento é complexo. Ele se distribui em feixes muito bem conectados em estilos e formas nas imagens que expressam usos da imagem diferentes, uma pluralidade tecnológica proliferante. Sim, nossa época, muita informação e possivelmente também alienação e solidão das imagens, nas pessoas. Então desenhos em estilo de traços infantis surgem aqui e ali, lembrando-nos que uma dimensão da criança está aí, deve ser lembrada uma ingenuidade preciosa que está em vias de terminar. Esse é um ponto secreto que corre sobre todo o argumento. Há então em tudo isso, drama, trauma e superação trágica.

Nesse filme há um balanço perfeito e uma coisa incrível de descrever com muita sensibilidade e força, sem melodrama, temas que percorrem todo o espectro trágico da vida, a partir de uma paisagem devastada. Esse horizonte é representado em termos formais, ideal e absolutamente real, subjetivo e concreto. Ele varia conforme o momento em que os encontros sempre limítrofes entre as consciências e as pessoas, parecem duvidar de si mesmas umas diante das outras. O próximo revela também uma distância, uma alienação mútua em muitos casos. É o tema da invisibilidade do sujeito que deseja compartilhar e tem medo de não ser aceito, de não ser perfeito, de não ter sucesso, de não ser capaz de ser sobre-humano. O horror realizado de um colapso tardio de um suposto homem “*self made man*”. Ele nunca existiu. Ou é um monstro...

A paisagem é devastada, e seu foco é o ponto culminante e atual de uma sociedade hiper capitalista que se expressa a si mesma como uma espécie de máquina cotidiana de moer carne e corpos em geral. São corpos de jovens, adultos, velhos que aí são triturados, cada qual em seu lugar apropriado, em escolas, nas

ruas, nos asilos. Mas essa terra devastada se mostra sem a violência da imagem grotesca da maldade pornograficamente representada pelo crime puro e simples. Não é como nos “bons” filmes dramáticos monotemáticos em que o tema do assédio, ou da injustiça trabalhista, leva o enredo do começo ao fim, com alguma dose de suspense no ato final de condenação ou inocência, conforme o esquema moral sugerido pela produtora do filme. Esse filme é sensível e delicado e entra fundo no problema subjetivo e sabe esmiuçar sua origem, sem cair no estereótipo do cinema denúncia. Porque a denúncia aqui é tão ampla e universal que só pode ser descrita pela poesia. Não é à toa que o filme começa com uma frase de Albert Camus. Essa chave, e deveríamos escrever ela aqui, é outra chave filosófica que impõe o ritmo de uma perspectiva existencialista nessa obra.

Enfim, o mais denso e sensível, dramático, é que os corpos evidenciam e situam toda a verdade do tema, mas são os espíritos, ou suas *psíquês* que acabam trituradas primeiro. E como se fosse possível separá-los... almas, corpos, espíritos. O humano é um todo complexo de partes... partes que são corpos que existem juntos, inelutavelmente. Mas parecem se esquecer. É a vida subjetiva que se mostra através da representação de corpos estressados, assustados, fragmentados e histéricos. Vivem o limite de condições de trabalho que em si mesmas, não são descritas como insuportáveis, mas que tendem a ser, por uma inanição do entusiasmo e por uma desesperança nascida num ponto de não retorno. Essa tristeza generalizada que vem de dentro do próprio sistema civilizatório capitalista. Como um mal de excesso, de velocidade e escassez da paz. Esse é o sistema, pornograficamente megalômano, onde o valor se dá pela humilhação de alguém. Vencer e ser o maior não será mais possível nesse mundo. Esse sistema moedor de almas, de corpos fraternos que se esquecem de que são partes entre si, impõe um tipo de silêncio envergonhado de frustração. É uma imposição normativa alienante e que se vende como única alternativa. Ela leva ao desespero de todos. É uma incoerência sistemática e onnipresente. Essas palavras foram o mote de ensino do herói professor. Henry.

Tudo isso já introjetado nos corpos, as almas dos jovens que são psíquês, adoecem sob o prenúncio de psicoses precoces. A cena de um menino aparentemente psicótico que esfaleta um gato sob a mochila e tem as mãos vermelhas, é um assombro de terror que não poderia nesse filme, demorar mais que uma cena. Tal cena, que se desdobra no diagnóstico da médica ou psicóloga da escola, não poderia ser explorada muito tempo, por conta de tornar inviável a própria sanidade do espectador... O adolescente fazia isso para mostrar para outros colegas que também participaram como cúmplices... Horror da juventude que pode se perder sob linhas de fuga caóticas sem mais limite, sem coerência ou compaixão.

Nesse sistema frenético-paranoico-capitalista, se esquece da importância da sensibilidade, do afeto e da atenção respeitosa ao outro, cidadão no mesmo barco... Todos os professores da escola são de verdade e estão no limite da exaustão e depressão. Porque o problema os ultrapassou, aparentemente. Mas não é verdade. E essa é a salvação que sempre é despertada pela poesia e olhar sensíveis de seus realizadores, conduzidos pela própria história de superação do professor

e sua coragem em não ser indiferente ao sofrimento silencioso e à brutalização aparente que cresce em seus alunos, exemplos em microcosmo, de uma sociedade inteira... somos parte de partes, somos fraternidade. Mas sempre há luta. A civilização emerge sobre sacrifícios da individualidade.

Mas o herói continua sob o périplo de desafios. Vidas que derretem tristemente sob a indiferença, fatigadas sobre seus pecados e heroísmos, não importa, de um lado a outro desse espectro caótico e incrível da vida. Essa narrativa é bela, profunda e emocionante até as lágrimas.

Um dos professores da escola em meio aos problemas, se sente “transparente”, inútil e invisível, sem significado para ninguém. Ele se surpreende quando Henry o vê, e fala com ele. Ele se apoiava numa grade da área de esportes do colégio. Todos os dias na hora do intervalo apoiado ali, ninguém o via, ele estava à beira de um colapso psíquico. Ele agradece o reconhecimento, aparentemente não acreditava que alguém pudesse se importar com ele. No entanto, uma jovem fotógrafa que terá um papel decisivo no filme, também tirava fotos deste mesmo professor. Ela também o via em sua forma de arte. Nesse filme ela será como um corpo sacrificado. Um símbolo trágico decisivo.

Ora, quando nos damos conta de que a educação é o tema de fundo e sua dissolução ronda as dificuldades que se encenam nesse espaço de luta e quase delírio em se manter firme sobre ideais de esclarecimento e compaixão, percebemos o quanto esse drama é amplo, profundo e desafiador à compreensão de nossa sociedade, que visivelmente entre em decadência moral. Ter tanto e não ser nada? Qual o sentido? Tentar ajudar e não ser percebido nessa virtude. Um sentimento de injustiça insinua-se como uma espécie de angústia própria dessa sociedade.

Se uma sociedade não se importa com seus professores e alunos, e se nesse espaço sagrado da aventura do conhecimento, se perde o respeito pelo que é o mais importante na vida, pois significa a única liberdade autêntica do espírito, então temos uma espécie de visão apocalíptica expressa no apagar último das luzes. Mas não é bem assim, há esperança, mas ela é contada com parcimônia, delicadeza e realismo psicológico muito elaborado. Porque se há esperança, ela depende de luta e resiliência.

Se não bastasse, a própria vida do herói, o professor Henry, ilumina com estranha e peculiar luz, todo o sentido da narrativa. Essa vida, e os detalhes de sua construção psicológica, poder-se-ia dizer sem medo de errar, sustenta todo o argumento. Sem falar na qualidade do ator, Andrey Brody.

Pois esse ator é um herói que além de não ser propriamente um galã, carregando esses estereótipos estéticos que destruiriam uma função subjetiva e poética num personagem, tem como única força, a compaixão que recebe quase como uma maldição. Explico. Henry, tem sua infância “roubada”, sob o desígnio traumático do suicídio de sua mãe. A melancolia despertada nele a partir dessa imagem infame, presenciada pela criança que era o professor, gera quem sabe, a força maravilhosa e compassiva que o faz suportar sofredamente, o segredo nefasto de seu avô moribundo que teria sido um pedófilo, que teria abusado da mãe do professor herói da história. Imaginemos o cume de uma trágica história de vida

de nosso professor... Seu próprio avô, doente e culpabilizado até o fundo da alma e cuidado por Henry, fora, justamente, responsável pelo suicídio de sua própria filha, a mãe do professor, que tira sua própria vida na esteira de uma violência incestuosa. Henry, esse herói sem rosto, começa a se revelar e antes do fim do filme, um homem a ser lembrado, não apenas como um rosto, mas sim como um espírito agregador, uma força positiva na existência.

Numa cena impressionante, pouco antes do final, a jovem fotógrafa que será tornada um símbolo trágico, mostra uma colagem, um trabalho artístico muito criativo e instigante. Nessa obra o professor é representado sem rosto ao lado de uma sala de aula vazia... Caberia perguntar quais os diversos sintomas e interpretações que poderíamos conjecturar de tal cena.

Para mim, é uma transferência complexa expressa nessa cena simbolicamente fatal. Nesse momento, todo o tema do argumento é resumido. Todo o sofrimento juvenil e sua projeção nas figuras de apoio afetivo se materializa na cena de um abraço afetivo que quer ir naturalmente até onde pudesse ir. Seja como apoio, amor, fantasia ou pura necessidade de apoio, reconhecimento de uma existência...

A via do afeto é uma via densa. O ser humano é profundo. O tema do assédio aparece como falsa relação ética, a paranoia já está instalada em todos os setores. E primeiramente é na escola que emerge complexo e problemático. É um tema enorme. Até que ponto uma função de orientação num personagem como o de um professor compassivo pode ir, para que essa realidade de problemas civilizatórios, seja percebida como uma questão ética e de luta desenfreada por justiça, no sentido mais amplo que possa ser concebido? Porque os problemas representados aí são existenciais e, portanto, universais. O filme indica que não haverá necessidade de uma capciosa resolução, baseada em algum giro ou força de transcendência. Isso tinha sido indicado desde o início, com a epígrafe de Albert Camus.

As imagens são poesias em forma de cenas, figuras e formas que complementam todas as alegorias mais fortes e sintomáticas dessa estória universal sobre o sentido dramático do crescimento individual e coletivo na sociedade norte americana. As imagens implicam um dos temas mais importantes nesse filme, justamente o tema de uma metáfora sobre a “invisibilidade das pessoas”. A frustração da falta de reconhecimento entre as partes, numa sociedade que amputa o ser em função de um hipotético ter, de uma ilusão materialista que jamais representará as verdadeiras necessidades psíquicas das pessoas. Ser amado não tem preço e em sua essência não pode ser comprado.

É pela imagem que se pode mostrar muito bem que existe um tipo de violência e de dor que não pode ser exposta em palavras, mas sim em imagens que demonstrarão uma negatividade fluida, difusa. A falta de gestos sinceros de afeto é uma verdadeira incidência temática nessa estória, feita de imagens que também mostrarão ao fim que será em sua escassez, que poderemos sentir o quanto o afeto e a capacidade de reconhecer o outro são fundamentais. Então o drama de alguém que ajuda e que se importa pelo outro é o que emerge em cada personagem, como

um desafio a ser superado. E é nessa forma que também vemos pequenos alívios, possíveis soluções, esperanças que se aquecem.

Nos brutalizamos sob a lenta indiferença da vida dos outros. E isso ocorre muito mais por comodidade de nos mantermos confortáveis e seguros em nossas limitações, do que propriamente por egoísmo puro e simples. É uma inércia horrível a que geram os automatismos capitalísticos... A compaixão de Henry é a força contrária a essa inércia difusa em toda parte, onnipresente na sociedade norte americana, especificamente. No geral esse problema é um problema civilizatório. Um sintoma de decadência moral das sociedades, historicamente identificável.

No momento em que se vê a cena da jovem prostituída e que irá atrás do professor, e depois, quando ele aos poucos, era visto como um ser compassivo em relação aos outros. Um homem em quem os jovens estudantes poderiam confiar, já se imagina o caráter de drama que irá compor suas ações. Já se falou um pouco disso tudo.

Culminância do drama do protagonista em sua melancolia e certa culpa ligada ao trauma terrível de sua infância. Henry assume um papel de compaixão que será esperado como bem mais do que se poderia fazer. É a cena do abraço junto a jovem humilhada em seu cotidiano e até pelo próprio pai... Cena que será emblemática e deve ser assistida e não lida num comentário. Aí uma situação de fato mostra a complexidade do tema. Poderíamos pensar comparativamente na imagem simbólica das religiões, em que num determinado momento, um ato messiânico se propõe a salvação de um povo e deve-se ser sacrificado por isso. Seja lá que entendimento tenhamos das alegorias sobre temas tão complexos a serem analisados como formas de literatura comparada, o professor Henry sabe que isso não é possível... Se o mundo inteiro é uma força incomensurável de pressão sobre um indivíduo, quanto mais será ou se tornará tal força, se esse indivíduo se preocupa em cuidar dos outros e de sua própria saúde mental, espiritual? Um exercício como esse leva a situações dramáticas e mesmo trágicas. É aí que se articula uma forma de prenúncio trágico... e toda tragédia produzirá catarse? Desde os gregos, sim.

Porém, ao mesmo tempo, quem exerce a compaixão e atenção ao próximo, e lembro imediatamente no papel do psicólogo, ganha uma força de liberação de seu próprio egoísmo e solidão inatos como seres humanos, num mundo sem parâmetros de descrição integral.

De algum modo, vejo assim esse problema ético, comparável ao problema sacrificial nas mitopoéticas e religiões históricas. O protagonista em sua conduta empática, cria a própria explicação ao espectador, de como ele mesmo, após ter tido uma infância traumatizada pela perda de sua mãe, recria ele mesmo a capacidade do acolhimento e da responsabilidade em relação ao outro, jovens, adultos, idosos... Lembrei do médico Carl Jung nesse momento, dizendo que o psicólogo, mais que inteligência e método, deveria ter compaixão pela pessoa que escuta... Afinal, todos estamos no mesmo barco. Memorável lição que não me esquecerei jamais...

Talvez uma hipótese para a construção complexa desse herói sensível, seja a de que permaneceu no menino Henry, lá na sua infância perdida, uma espécie

de compensação de forças. Nele, fica uma forma de cuidado essencial pela mãe, a quem não pode jamais ter acudido em sua dor, vinculada para sempre sob o signo do abuso paterno cometido pelo avô que tem sua vida psíquica degenerada. A degeneração é uma palavra com duplo significado exemplar aqui.

No limite, do que se pode entender por compaixão e maturidade, Henry, neto desse avô delirante que aparentemente se degenera na culpa pelo suicídio da filha, diante de seu avô moribundo, o qual mantém em um asilo, dissimula-se sob seu leito de morte, como sendo sua própria mãe. Numa forma de compaixão digna de homens santos, Henry perdoa o próprio avô moribundo de seus abusos sobre sua mãe suicida. Isso ocorre como astúcia de uma voz falseada, O avô fora perdoado da atitude pedófila como se fosse pela própria vítima original e não o filho da vítima como é o caso. O caso do abuso é narrado em elipse. Tudo se insinua, mas sabe-se que o suicídio da mãe é ligado a essa violência quase imperdoável. Essa situação é muito complexa. Isso tudo, como se imaginaria na própria vida, é muito espesso e obscuro. E assim é expresso.

Essa cena, pouco depois, será descrita em sua profundidade. Essa verdade obscura será enigmaticamente respondida na confissão do trauma do professor à menina que ele retira das ruas. Ele responde a ela sobre sua vida de infância e o suicídio de sua mãe. Então se percebe um grau de retorno misterioso que a compaixão pode produzir. É quase como uma forma mágica de equalização de sensibilidades. Uma hipóstase de um *amor fuiti*? Nunca houve nada de sexual entre eles. Digo entre Henry e a menina que ele ajuda tentando retirá-la das ruas. Se há um amor aí, dir-se-ia que é um afeto paternal. Mas isso não importa. Pois já sabemos que esse filme não entra nessas derivas comerciais... o filme não coabita aos estereótipos...

Henry a havia salvo da morte prematura, sob a abjeção de uma vida prostituída. Ela o ouve e sabemos então, talvez anteriormente ao que vai se passar, que ele não é ou não será um sujeito sem rosto.

A jovem, literalmente salva por ele, por ele não se negar a vê-la, sempre foi quem, de sua vida morta pelas ruas, também o vira de verdade. Talvez pela juventude, pela inocência, talvez apenas porque deveria haver uma comunhão simbolicamente sagrada entre esses personagens. Como Cristo e Madalena, quem sabe? Eis o símbolo vivificado pela força da citação simbólica. Ela o havia visto como alguém com sentimentos, quando o vira chorando no ônibus. Estamos todos no mesmo fluxo...Lembremos: o cinema tem sua semiologia e ela é feita de símbolos que se repetem...

Se a literatura tem algum papel nessa história e tem muito, é dar voz e verbo à essência da educação, como comunicação vital, como gesto de humanidade sobre a complexidade e drama da vida comum, viabilizando os modos e as formas que o sentimento, a inteligência e dimensão filosófica na vida podem e têm necessidade de se compor em cada um de nós. Isso é algo difícil e de algum modo muito raro de se ter na juventude. Por isso lembramos de algum professor de literatura que nos tenha dito algo que atravessasse os tempos, a vida, o coração. Uma poesia, uma prosa poética, traduz experiências de um homem e de muitos

homens... pois um e muitos, compartilham do mesmo. Estamos todos no mesmo barco. Flutuamos num oceano sem fim e podemos ver apenas o horizonte.

Logo no primeiro dia de aula, Henry trouxera aos estudantes rebeldes, uma experiência de narração sobre o hipotético funeral de cada um deles... De cara, se percebe que há uma inteligência e uma potência poéticas nesse personagem, que ele fará com que cada aluno ali, entre de repente numa experiência limite sobre o sentido, sob a forma e os modos que suas vidas poderiam significar para eles mesmos e para as pessoas que os teriam conhecido antes, desde a imagem que a linguagem literária pode criar. A arte é uma potência de linguagem, está em cada um que tenha acesso a formas da representação.

Pouco tempo depois eles trazem seus textos e se nota que aquela experiência criativa produziu resultados. É como se o desafio, o limite e o perigo, fossem coisas naturais aos jovens e eles se sentissem à vontade para criar! É uma dádiva. Os jovens são a força necessária da renovação e tudo dependeria apenas de como acessá-los, encontrá-los, reconhecê-los. E tudo dependerá da autenticidade nessa relação. O professor conseguirá chegar neles com uma mistura de técnica, competência, maturidade e compaixão.

Ora, é toda a experiência da vida que de forma sutil, ele fez com que fosse produzida diretamente por aqueles jovens, inventando uma espécie de autoterapia individual em cada um. No limite da ficção, falar da vida através da morte. Esse foi o tema da redação! Ora, os jovens sabem bem e conhecem esses lugares. Eles vivem um metabolismo de extremos... de um extremo a outro, ida e volta. Ao olhar essa sociedade “moedora de corações” e promotora de sonhos, cheia de problemas e com algumas soluções sinceras, mais raras a cada dia... E ao olhar seus pais casados e tristes, esgotados na busca do sonho da liberdade que fantasiaram de outra coisa? Eles devem repetir o mesmo? E se não foi exatamente o que se pensava ser o melhor? É por isso que Henry é necessário. Ele mostra o invisível da poesia, e essa imagem pensa a vida sem facilidade, mas criativamente.

Foi como se um professor astuto e camarada, lançasse uma semente na terra fértil e viva que todos aqueles jovens tinham, mas que já quase esqueceram e não lembravam que desde sempre, fora deles... A partir daí a história apenas começa...

-Rogério de Souza Confortin - CV: <http://lattes.cnpq.br/9588837591335862>